



## **Jornalismo e literatura: a presença de personagens-jornalistas na obra de Erico Verissimo<sup>1</sup>**

Eduardo RITTER<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS

### **Resumo**

A vida e a obra do escritor Erico Verissimo foi fortemente marcada pela presença do jornalismo. Biograficamente, ele foi o presidente-fundador da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), além de atuar em alguns órgãos da imprensa de Porto Alegre. Essa formação jornalística de Erico Verissimo acabou influenciando na obra literária do escritor, que utilizou 24 personagens-jornalistas em seus 13 romances. No presente artigo, fizemos uma breve apresentação dessa “tribo jornalística”, que contém diversas características indicadas por teóricos do jornalismo, que também consolidam o nome de Erico Verissimo como um dos mais importantes da história do jornalismo brasileiro.

**Palavras-chave:** jornalismo; literatura; tribo-jornalística; história.

### **Introdução**

O jornal Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro, publicou em 1904 uma pesquisa realizada pelo jornalista Paulo Barreto, mais conhecido por João do Rio, que visava entender melhor a relação entre jornalismo e literatura. Quase um século depois, a pesquisa, transformada no livro O momento literário, foi resgatada pela pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Cristiane Costa, no livro Pena de Aluguel. No total, 36 intelectuais participaram das entrevistas, sendo que destes, “dez acharam que o jornalismo prejudica a vocação literária; onze disseram que é favorável, onze opinaram que ajuda o aspirante a escritor, mas também o atrapalha; três não responderam à questão; um não entendeu a pergunta” (COSTA, 2005, p.19).

Para uma melhor interpretação desses dados, Cristiane Costa repetiu a pesquisa com 32 jornalistas que começaram a se destacar a partir da década de 1990, entre 2001 e 2004. Analisando os dois trabalhos, feitos em momentos históricos diferentes, alguns problemas em comum na profissão jornalística são apontados pela autora, como os baixos salários, a falta de tempo que aqueles que trabalham nas redações têm para se dedicar à literatura, e a falta de poder aquisitivo da população para comprar livros. Esse

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Aluno regular do curso de Mestrado da PUCRS, na linha Práticas profissionais e processo sociopolíticos nas mídias e na comunicação das organizações, e bolsista da Capes. E-mail: rittegaucho@hotmail.com.



cenário, indicando pontos em comum entre os jornalistas, exemplifica o conceito de tribo jornalística do teórico português Nelson Traquina. Acreditamos que, a partir disso, a atuação dos escritores nas redações também influenciaram nas características que as personagens-jornalistas apresentam dentro de obras de ficção.

Para compreendermos melhor essa questão, será feita uma análise inicial de como o escritor e jornalista fundador da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), Erico Verissimo, construiu as suas personagens-jornalistas, classificando-as de acordo com as principais categorias do jornalismo. Para isso, inicialmente apresentaremos alguns princípios sobre a relação entre jornalismo e literatura. Posteriormente, abordaremos de forma resumida a biografia de Erico Verissimo no jornalismo e a influência que a profissão teve para a sua obra literária. Nas etapas finais da nossa análise, ressaltaremos algumas das personagens que formam a tribo jornalística de Erico Verissimo, e, por fim, destacaremos a obra Incidente em Antares, que conta com o jornalista Lucas Faia e apresenta diversas características apontadas por algumas das teorias do jornalismo.

O presente estudo parte do princípio apontado por Felipe Pena, de que “o medo do desconhecido que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer” (PENA, 2005, p.23).

### **A relação entre jornalismo e literatura**

A relação entre jornalismo e literatura tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores que buscam entender melhor as complexas relações entre os dois gêneros. No entanto, ressaltamos que ainda há um campo muito amplo a ser explorado quando se trata da presença de personagens-jornalistas na literatura, principalmente levando em conta que a maioria dos escritores tiveram em algum momento de suas carreiras a passagem por uma redação.

A relação dos jornalistas com a literatura é destacada por Antonio Hohlfeldt, em um artigo publicado no 6º Anuário da Unesco:

É incrível, mas embora haja uma relação permanente e produtiva entre a literatura e o jornalismo, ao longo de toda a nossa história, e os jornalistas tenham se travestido, muitas vezes, de escritores, e os escritores em jornalistas, é curioso que a personagem do jornalista – e muito especialmente do jornalista popular – na literatura brasileira, seja bem menos comum do que se poderia, à



primeira vista, imaginar, sobretudo se aproximarmos a literatura do cinema, por exemplo (HOHLFELDT, 2002, p.79).

Essa reduzida utilização de personagens-jornalistas em obras ficcionais, constatada por Hohlfeldt, valoriza ainda mais a obra de Erico Verissimo sob o ponto de vista jornalístico, já que poucos autores apresentaram tantos jornalistas em seus romances em comparação aos do escritor gaúcho.

No entanto, antes de entrarmos na análise dos romances, salientamos que a existência de jornalistas não fica restrita aos livros do gênero. O autor também descreveu um jornalista na novela Noite (1954), onde aparece o que ele descreve como o “jornalista do cabaré”:

Conversa vai, conversa vem, eu quando vi tinha desatado a língua e respondido a todas as perguntas dele. Isso na maior inocência. Pois não é que o infeliz trabalhava num jornal e no outro dia publicou tudo que eu disse? Foi um Deus-nos-acuda, quase me chamaram na delegacia (VERISSIMO, 1982, p.61).

Além da novela e dos livros auto-biográficos e de viagens, nem as obras infanto-juvenis escaparam da influência do jornalismo na vida de Erico. Primeiro, no livro voltado para o público juvenil, Viagem à aurora do mundo (1939), ele faz a descrição do trabalho do repórter, que ressaltando que essa profissão exige muita capacidade de observação e faro fino para os detalhes:

Dizem que de médico e de louco todos nós temos um pouco. Devia-se dizer ‘de médico, louco e de repórter’ para maior verdade do ditado (...) A mulher mexeriqueira que conta histórias da vida alheia de certo modo está se portando como o repórter da coluna social de certos jornais. O bom chefe de família que chega a casa à noite, de volta do trabalho e, enquanto descalça as botinas, conta o desastre que viu na rua, está fazendo trabalho de reportagem. Todos gostam de contar uma novidade: contar novidades é a principal função do repórter (VERISSIMO, 1984, p.10).

Dentro desse contexto, nem os três porquinhos escaparam da influência dos jornais na sociedade relatada por Erico Verissimo em mais de 40 anos de literatura, mesmo que no caso, seja uma sociedade literalmente animal:

“Depois o Velho Barbudo, avô da menina, vinha trazer os jornais.

- Leiam as notícias do dia – dizia ele com a sua voz rouca. E voltava para casa.

Os três porquinhos liam os jornais” (VERISSIMO, 1996, p.6)



## O jornalista Erico Verissimo

A relação entre Erico Verissimo e o jornalismo inicia-se cedo, na sua infância em Cruz Alta, município do interior do Rio Grande do Sul, onde ele nasceu no dia 17 de dezembro de 1905. Ainda pequeno, viu seu pai, Sebastião Verissimo, fundar o jornal humorístico O Calhorda, que publicava sátiras das autoridades da época. Aos 9 anos, em 1914, suas brincadeiras resultam na rudimentar edição da revista A Caricatura, que constava de um único exemplar em duas folhas de papel almaço, onde ele fazia desenhos e escrevia pequenas notas. Esse primeiro contato foi bem superficial, como destaca o próprio Erico: “A Caricatura morreu antes do fim da Primeira Guerra, não por falta de recursos financeiros, mas por pura preguiça de seu único redator” (VERISSIMO, 1974, p.102). Já quando os Estados Unidos entra na Primeira Guerra Mundial, Erico Verissimo repete a experiência, produzindo a revista intitulada Íris.

Apesar dessas experiências, podemos dizer que o contato mais concreto de Erico com o jornalismo ocorre na adolescência, quando ele vai estudar como interno no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre e, devido aos bons textos, passa a integrar a redação do jornal da escola, O Pindorama.

Após essa primeira aproximação, um tanto rudimentar, mas possivelmente fundamental para que Erico viesse a buscar nas letras a sua profissão, podemos dividir a atuação do escritor no jornalismo gaúcho em três fases, assim classificadas por Antonio Hohlfeldt: “a) o jornalista – melhor seria dizer, o colaborador de jornais – incluindo aí sua pequena experiência de radialista, além do b) editor de revistas e editor de livros e c) o escritor jornalista” (HOHLFELDT, 2004, p.1)<sup>3</sup>.

Em 1929, Erico publica o conto A Lâmpada Mágica, aceito por De Souza Júnior, diretor do jornal Correio do Povo, de Porto Alegre, e que mais tarde lhe revelou: “Quando teu conto me chegou, li o nome do autor, achei que era sugestivo e merecia ser conhecido. Mande os originais imediatamente para a oficina, sem os ler (VERISSIMO, 1974, p.201).

Já em 1930, aos 25 anos, ele deixa Cruz Alta, rumo a Porto Alegre, com o objetivo de ser escritor, e acaba buscando no jornalismo formas de realizar o seu sonho: “De 1 de janeiro, ou a partir de 26 de abril do ano de 1921, conforme diferentes biógrafos, Erico Verissimo se torna secretário da Revista do Globo, depois de acertar-se

---

<sup>3</sup> Comunicação apresentada ao GP Estudos de Jornalismo, durante o XXVII Congresso Nacional INTERCOM, Porto Alegre, setembro de 2004.



financeiramente com o escritor Mansueto Bernardi, que então respondia pela mesma” (HOHLFELDT, 2004, p.6).

Já na biografia que escreveu de Henrique Bertaso, Erico descreve como foi o seu primeiro dia em uma redação, ao chegar na redação da Revista do Globo:

Separamo-nos. Subi para a redação (...). Em cima de minha mesa achavam-se os meus melhores colaboradores: a tesoura e o vidro de goma-arábica. Não havia verba para pagar colaborações. Eu tinha de encher a revista praticamente sozinho, pirateando publicações alheias, de preferência estrangeiras. Um gerente prático me havia prevenido contra o perigo de publicar muita “literatura”, pois o importante era fazer uma revista popular, com muitas figuras – retratos dos assinantes, o galante menino tal, a bela senhorita fulana, rainha do Clube Recreio de Muçum, ecos do carnaval de Cacimbinhas ou São Sepé. Publicávamos também sonetos da autoria de coronéis reformados ou coletores aposentados que acontecia serem bons fregueses da Casa, circunstância em que o que menos importava era a qualidade literária dos versos... (VERISSIMO, 1972, p.24-25).

Assim, Erico ingressou na Editora e Revista do Globo, atuando como tradutor e jornalista, e foi graças as suas participações nos jornais que ele conseguiu lançar em 1932 o seu primeiro livro, Fantoches.

Nesse contexto, Erico também foi eleito em 1935 o primeiro presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI), com 88 votos dos 114 jornalistas aptos a votar. A idéia de fundar oficialmente a ARI (já que em 1920 houve uma tentativa frustrada de fundação, que acabou durando apenas alguns meses) começou a amadurecer em um encontro de jornalistas gaúchos, realizado no dia 6 de junho de 1935<sup>4</sup>. Depois dessa primeira reunião, a cada encontro aumentava o número de participantes, até que houve a primeira eleição, realizada no auditório da Federação da Agricultura.

Em seu discurso de posse, Erico Verissimo destacou a necessidade de se realizarem ações concretas, para que as ações da ARI se transformassem em vantagens para a categoria.

Já se foi o tempo em que os homens acreditavam nas abstrações floridas, frases bonitas e exterioridades. Não fundamos essa associação para organizar festas. A verdade pura e simples é esta: os trabalhadores da imprensa se congregam para conseguir vantagens reais (JORNAL DA ARI, dezembro de 2003, p.8).

Durante sua fala, Erico Verissimo também ressaltou a importância da adesão de todos os jornais do estado à nova entidade, e não apenas os periódicos da capital do Rio

---

<sup>4</sup> Fonte: *site* da ARI: [www.ari.org.br/dinamico.asp?cod=14](http://www.ari.org.br/dinamico.asp?cod=14)



Grande do Sul: “A ARI quer congrega os profissionais de todos os jornais do estado, desde os periódicos mais humildes das mais obscuras cidades do interior até os diários da capital” (JORNAL DA ARI, dezembro de 2003, p.8).

Em 1936, ainda presidindo a ARI, Erico Verissimo assume dois programas na Rádio Farroupilha: Amigo Velho e O Clube dos 3 Porquinhos. Para a realização dos programas, saía da redação da Revista do Globo e se dirigia aos estúdios da PRH-2 duas vezes por semana, por volta das seis horas da tarde. A participação de Erico Verissimo no rádio terminou em 1937, por decisão pessoal do escritor, que não aceitou a situação imposta pela ditadura da época.

Quando em 1937 Getúlio Vargas instituiu o Estado Novo e o famigerado DIP começou a exercer rigorosa censura sobre a imprensa e as estações de rádio, fui notificado de que dali por diante o Amigo Velho teria de submeter previamente suas estórias ao Departamento de Censura, antes de contá-las aos seus pequenos ouvintes. (Como as ditaduras temem as palavras!) Decidi terminar a hora infantil, o que fiz com um discurso de despedida e ao mesmo tempo de protesto contra a situação. Isso me valeu uma nova interpelação da parte da Polícia. “Quero que me fales com toda a franqueza” – disse-me naquele dia um funcionário do DOPS com quem eu tinha relações pessoais. – “És ou não comunista?” Nem sequer me dei o trabalho de lhe responder. Voltei-lhe as costas, ganhei a rua e desci a escadaria do viaduto, assobiando o andantino do misterioso quarteto do disco mutilado (VERISSIMO, 1974, p.263).

O trabalho de Erico nos meios de comunicação prossegue até 1940, quando passa a dedicar praticamente todo o seu tempo à produção de livros, e no mesmo ano lança Saga, considerado pelo próprio autor como sua pior obra, mas que, mesmo assim, apresenta um caráter de reportagem, onde novamente aparece um jornalista como personagem fundamental do romance. Essa foi, resumidamente, a participação de Erico Verissimo no jornalismo.

### **A influência do jornalismo na obra do escritor**

Como mencionamos anteriormente, a relação entre jornalismo e literatura sempre esteve presente na vida do escritor e jornalista Erico Verissimo. Acreditamos que a sua obra, como a de outros autores, possui um rico material para analisarmos como a figura do jornalista profissional é tratada na ficção literária.

Também percebemos um grande número de personagens-jornalistas na obra do escritor gaúcho, e confiamos que o fato dele ter dividido o seu tempo entre a redação e o



trabalho de escritor durante muitos anos fez com que adquirisse um faro natural para perceber o que o leitor busca em um texto, seja literário ou jornalístico, como destaca Fraser Bond: “Embora o novelista e o escritor tenham explorado esses princípios mais extensamente do que o jornalista, este nunca deve esquecer que seu público é o mesmo. Sua incumbência, como a do novelista, é interessar o leitor” (BOND, 1959, p.56)

Sabendo disso, Erico apresentou uma variedade de jornalistas que possuem muitas das características indicadas por diversos teóricos do jornalismo. Portanto, queremos saber quem são os jornalistas que aparecem na obra de Erico Verissimo. Como se forma essa tribo jornalística integrada por 24 jornalistas que aparecem nos 13 romances de Erico? Que características, apontadas por algumas das teorias do jornalismo, aparecem nessas obras? A partir dessas questões, entendemos ser de fundamental importância a continuidade dos estudos analisando os trabalhos dos principais nomes que construíram a história do jornalismo brasileiro.

### **A tribo jornalística de Erico Verissimo**

O jornalismo não teve influência apenas no modo de vida que o escritor Erico Verissimo levou, e foi além da questão da linguagem, como já foi revelado em outros estudos. A atuação de Verissimo no jornalismo acabou lhe rendendo a criação de diversas personagens-jornalistas em sua obra, produzida em um período de 43 anos de atividade literária (contando a partir de 1932, quando foi publicado o livro de contos Fantoches). No total, se levarmos em conta apenas os romances de Erico, encontramos 24 personagens-jornalistas identificadas nas 13 obras do gênero produzidas pelo escritor. Em apenas três romances, Erico não se valeu de personagens-jornalistas: Clarissa (1933), Olhai os Lírios do Campo (1938) e O Prisioneiro (1967). Mesmo assim, nesses três romances, em algum momento da narrativa, alguém acaba mencionando o título de algum jornal.

Mesmo se tratando de obras de ficção, os jornalistas de Erico Verissimo apresentam as características que, segundo o teórico português Nelson Traquina, formam uma cultura profissional, denominada por ele de tribo jornalística:

A tribo jornalística tem uma cultura profissional, um dos cinco atributos de uma profissão que, segundo Greenwood, é considerado o mais importante. (...) Certamente, outra expressão crucial da cultura jornalística é a sua maneira



própria de agir, a sua maneira própria de falar, e a sua maneira própria de ver o mundo (TRAQUINA, 2005, p.50).

Dentre esses 24 jornalistas identificados, encontramos uma ampla variedade de atuações na profissão. Temos o primeiro de todos eles, se levarmos em conta a ordem cronológica da ficção, Manfredo Fraga, diretor do jornal O Arauto, em O Continente. Ele aparece em um período histórico da década de 1880, revelando a grande influência política que imperava nos jornais da época, como fica claro no momento em que o coronel Amaral lhe dita o tom que devia conter as matérias do jornalista:

Ataque esses republicanos duma figa. Diga que são uma corja de traidores”, ou então: “Responda ao artigo de Júlio de Castilhos e conte que A Federação é financiada pela Maçonaria”. Ou ainda: “Ameace que vamos contar donde saiu o dinheiro para construir o sobrado de um certo republicano de Santa Fé (VERISSIMO, 1982, p.559).

Aliás, nos três livros que compõem O Tempo e o Vento, foram identificados oito jornalistas. Além de Manfredo Fraga, também foram referidas personagens que vão desde o cronista social de A Voz da Serra, que aparece no trecho que aborda a entrada do século XX, até o Dr. Rodrigo Cambará, uma das personagens centrais do romance, que funda o jornal A Farpa com o único objetivo de derrubar o coronel Trindade, que era dono do jornal A Voz Serrana, dirigido pelo personagem-jornalista Amintas Camacho. Ele chega a levar uma surra do Dr. Cambará após publicar uma matéria intitulada: “Chega hoje o traidor vira casaca” (VERISSIMO, 1979, p.125). Cambará acaba esbarrando em dilemas relacionados a questões éticas da profissão, e chega a escrever que “este semanário pretende manter-se no nível superior do bom jornalismo” (VERISSIMO, 1979, p.221).

Essa postura da personagem Rodrigo Cambará, ilustra bem o que Nelson Traquina chama de mitologia jornalística, que coloca o profissional do jornalismo como uma espécie de vigia dos políticos:

A mitologia jornalística coloca os membros do público que procuram saber o que aconteceu, no papel de “cães de guarda” que protegem os cidadãos contra os abusos do poder, no papel de “Quarto Poder” que vigia os outros poderes, atuando doa a quem doer, no papel mesmo de herói do sistema democrático (TRAQUINA, 2005, p.51).





Em Um Lugar ao Sol (1936), por sua vez, ganha destaque a figura de Noel, que trabalha na redação de A Tarde. Mesmo sendo de família nobre, ele prefere trabalhar como jornalista com um ordenado pequeno para sustentar a mulher grávida, do que ser sustentado pelo pai sem precisar trabalhar:

Aborrecia o jornal. Fazia um esforço desesperado para sintonizar com os rapazes da redação. Inútil. Sentia a hostilidade surda e sorridente dos repórteres para quem ele era simplesmente o “mocinho família” que tinha um diploma, que escrevia a crônica de arte, a resenha dos livros da semana; o mocinho que ficava à sombra de sua mesa, enquanto eles saíam para a vida, metiam-se em bibocas, reviravam os subúrbios, visitavam a chefatura e as delegacias à cata de desastres, crimes e outras reportagens sensacionais (VERISSIMO, 1983, p.167).

Já em Saga (1940), um romance onde aparecem as personagens das primeiras obras de Erico Verissimo, ele acaba montando uma redação inteira de dois jornais. A primeira é a redação de Aventura, que conta com o desenhista Vasco, que na primeira parte do romance está na guerra civil espanhola. Essa redação é formada ainda pelo próprio Noel, de Um Lugar ao Sol; por sua esposa, Fernanda; e por Mark Oppenheim, exilado alemão que foi obrigado a deixar a terra onde nasceu, e que acaba se suicidando. A outra redação é a do jornal rival, A Ordem, que conta com dois personagens centrais: o diretor Gedeão Belém, um típico proprietário de jornal que pensa exclusivamente no lucro e nas vantagens políticas, e Almiro Cambará, braço direito de Gedeão e proprietário do monopólio de cinemas.

O resultado de se ter dois jornais com ideologias completamente diferentes é a troca de acusações e de farpas entre ambos durante toda a segunda parte do romance. Para resumir, citamos o pensamento de Vasco que, saturado de tanta sujeira, refugia-se em uma granja para escapar da violência que toma conta da cidade e dos noticiários:

Não deixarei que os jornais continuem entrando nesta casa ou que o rádio todos os dias aí esteja a narrar os horrores da guerra. Porque não quero que o meu filho antes de nascer comece já a sofrer através da mãe, as dores de um mundo sombrio e doido (VERISSIMO, 1978, p.343).

Outro tipo de jornalista presente na obra de Erico é o profissional serviçal, palavra essa que o próprio escritor utiliza para descrever Marcondes, diretor do jornal Gazeta, em Caminhos Cruzados (1935).

Mas, dentro dessa tribo jornalística, consideramos três as personagens-jornalistas centrais na obra de Erico: Roberto, de O Resto é Silêncio (1943), William Bill Godkin,



de O Senhor Embaixador (1965), e Lucas Faia, de Incidente em Antares (1971). No nosso entender, os três merecem um estudo mais aprofundado, por serem jornalistas destacados na ficção do escritor gaúcho.

Em uma análise inicial, podemos dizer que Godkin é utilizado pelo autor para descrever momentos centrais do romance, principalmente quando ele vai para Sacramento fazer o seu último serviço antes de se aposentar como correspondente internacional da Amalgamated Press, de Washington. O jornalista é descrito como observador e detalhista, prestando uma atenção incrível a tudo o que se passa ao seu redor, apresentando uma das principais características dos bons jornalistas, destacada por Ricardo Noblat:

A notícia pode estar no ambiente onde se passou determinada história. A notícia pode estar no silêncio de uma pessoa entrevistada. A notícia pode estar no nervosismo de alguém. Há, portanto, que estar atento a tudo. E há que ter faro para identificar a notícia onde quer que ela esteja. Faro. É o que faz a diferença entre um bom repórter e um repórter medíocre (NOBLAT, 2003, p.44).

Esse faro fica explícito no seguinte trecho do livro O Senhor Embaixador, onde Erico narra o momento em que o jornalista escreveria a matéria sobre o julgamento do embaixador Heliodoro:

Mesmo sabendo que a Amalgamated Press ia cortar pelo menos dois terços de sua narrativa do julgamento de Gabriel Heliodoro Alvarado, Bill Godkin decidiu registrar os momentos mais sensacionais do duelo verbal, prestes a travar-se entre Roberto Valencia, que fazia as vezes de promotor público, e Pablo Ortega, o defensor do réu (VERISSIMO, 1982, p.359).

Após esse trecho, o jornalista faz uma longa descrição do ambiente, para depois fazer a descrição de como se travou a referida batalha verbal entre o acusado e o defensor do réu. Esse é apenas um exemplo de como podemos identificar um sem-números de características do jornalismo na ficção de Erico Verissimo.

Já Roberto, de O Resto é Silêncio, é um típico jornalista que se encaixa perfeitamente na tribo jornalística apresentada por Nelson Traquina, principalmente no que se refere à cultura profissional:

Uma natureza que sobressai na cultura jornalística é a dos sacrifícios pessoais, dos efeitos nocivos que as longas, e possivelmente irregulares, horas da profissão têm sobre a vida privada do jornalista: problemas de saúde, casamentos



desfeitos, família adiada, economias fracas, e ausência da vida privada (TRAQUINA, 2005, p.53).

Essas dificuldades financeiras destacadas por Traquina, e que já haviam sido mencionadas nos estudos de João do Rio e Cristiane Costa, também atinge Roberto, como fica claro no seguinte trecho: “No quarto n° 23 de uma pensão da Rua Riachuelo um rapaz dormia. Estava estendido sobre a cama de ferro, envolto numa coberta branca de qualidade ordinária. O quarto era pequeno e meio nu” (VERISSIMO, 1982, p.203).

Já no prefácio de O Resto é Silêncio, Erico chega a fazer uma descrição similar à de Traquina, referindo-se a Roberto: “era um jornalista que se preocupava com os problemas da humanidade individualmente, que sofria pelos outros e não se conformava com o sistema da sociedade” (VERISSIMO, 1982, p.1).

Após essa rápida análise sobre algumas das personagens-jornalistas dos romances de Erico, destacamos Lucas Faia, de Incidente em Antares, e o potencial jornalístico que essa obra apresenta.

### **Lucas Faia e o potencial jornalístico de Incidente em Antares**

Lucas Faia, mais conhecido como Lesma, é a personagem-jornalista utilizada por Erico Veríssimo na obra Incidente em Antares (1971). Ele é diretor do jornal A Verdade, da cidade fictícia de Antares, e aparece pela primeira vez na obra, quando pela cronologia do romance o ano é 1954. O seu apelido é Lesma, não por se tratar de uma pessoa lenta, mas sim, por ter que se equilibrar em meio às disputas políticas de Antares, sem cair nem para um lado, nem para outro, bem como uma lesma que caminha sobre uma navalha.

Como a obra é dividida em duas partes, antes e depois do incidente, também podemos descrever o jornalista sob esse aspecto. Na primeira parte do livro, ele aparece como um típico jornalista, empolgado pelas novidades políticas da época, querendo ser sempre o primeiro a saber e a transmitir as notícias para o público. Tanto é que, logo na sua primeira aparição na obra, ele está instalando uma sereia em frente à redação do jornal, que toca assim que há alguma notícia importante, como crimes ou questões sobre política local, ou conforme a importância dos telegramas que vinham do centro do país. Quando a sereia tocava “em breve atraía uma pequena multidão à frente do quadro-



negro em que ele pregava um papel com os dizeres do último telegrama recebido pelo jornal” (VERISSIMO, 1994, p.79).

No entanto, nas duas partes da narrativa, Lucas Faia se vê sempre trabalhando sob pressão. Não foram poucas as vezes em que ele não conseguiu agradar aos patrocinadores e políticos que tinham o poder em Antares. Porém, na primeira parte do livro ele aparece mais como observador dos fatos, descrevendo e opinando o que acontecia, sem influenciar no rumo dos acontecimentos.

Já na segunda parte, durante o incidente, ele passa a integrar os fatos, influenciando e opinando nas decisões que eram tomadas em Antares, mesmo que diversas vezes suas argumentações não foram o suficiente para dar o rumo esperado para os impasses. Podemos dizer que essa atuação de dentro do acontecimento, ou melhor, da notícia, foi possível graças a sua profissão de jornalista, que fazia com que ele fosse convocado a participar das reuniões, porém, a sua postura nessas ocasiões era sempre guiada pelo medo de desagradar politicamente um ou outro líder de Antares.

E é nesse contexto que Lucas Faia ganha destaque na implantação da Operação Borracha, que visava apagar o incidente da memória coletiva de Antares. Nesse episódio, podemos ressaltar que Erico descreve diversas situações previstas em 1972 pela pesquisadora alemã Noelle-Neumann, na sua hipótese da espiral do silêncio. Nesse estudo, Neumann parte da idéia de que os agentes sociais tentam não “se encontrarem isolados em seus comportamentos, atitudes e opiniões. Esse medo do isolamento social faz com que as pessoas tendencialmente evitem expressar opiniões que não coincidam com a opinião dominante” (FILHO, 2003, p.207).

Seguindo esse raciocínio, quando a Operação Borracha é implantada, em meio ao silêncio da população, Faia tem mais de uma vez castrada a sua vontade de narrar o acontecimento nas páginas de A Verdade, como definiu Antônio Hohlfeldt, que também explica o objetivo da medida adotada pelas autoridades de Antares, que comandavam o único jornal da cidade:

Dessa forma, sua reportagem mais magistral, no seu próprio entendimento, a da história dos mortos no coreto, é censurada pelos líderes do governo, primeira providência da Operação Borracha, destinada a apagar completamente da memória de Antares o incidente que resultou na denúncia de sua corrupção e hipocrisia moral, bem como desmandos políticos, o que significa dizer que a função jornalística e do jornalista é simplesmente castrada, censurada, interrompida: o jornalismo assim, deixa de existir, não é mais reflexo da realidade, não é a narração dos acontecimentos, mas uma fantasia barroca – que



se esgota na própria vaidosa auto-suficiência da falsa linguagem (HOHLFELDT, 2002, p.92).

Além da presença de características da espiral do silêncio, esse romance de Erico apresenta características típicas do jornalismo indicadas por autores como John Hohenberg. Em sua obra, O Jornalista Profissional, ele aborda as notícias que ninguém gosta, mas que todos têm interesse, exatamente como acontece no episódio do incidente: “Isso tudo implica um alto conteúdo dramático, mas que também coloca um fardo pesado sobre os órgãos noticiosos, obrigando-os a dar uma dimensão precisa do desastre, antes mesmo que ele acabe de acontecer” (HOHENBERG, 1959, p.129). É partindo desse princípio que Lucas Faia pretende colocar Antares no mapa do mundo, como ele mesmo menciona.

O episódio também apresenta um dos principais critérios de noticiabilidade destacados por Fraser Bond: o interesse das pessoas pelas novidades e pelo inesperado.

O novo e o incomum despertam o interesse de todo mundo. Não o sentimos nós? Desde os tempos de rapaz, quando permanecemos de pé, boquiabertos, do lado de fora das barracas dos circos, ansiosos por ver as maravilhas do espetáculo lá dentro, que o novo e o incomum ganharam o nosso interesse. Esta ânsia de novidade, de notícias, atraía a maioria dos leitores para os jornais. Sabendo disto, o repórter esforça-se por satisfazer esta ânsia (BOND, 1981, p.58).

Como foi referido, os esforços de Faia não são o suficiente, e através da Operação Borracha que, ao final do romance, tudo o que se passou em Antares estava praticamente esquecido por seus habitantes.

Podemos acrescentar que o fato da imprensa nunca ter mencionado nada sobre o assunto foi fundamental para o resultado final da operação. “Sete anos após aquela terrível sexta-feira 13 de dezembro de 1963, pode-se afirmar, sem risco de exagero, que Antares esqueceu o seu macabro incidente. Ou então sabe fingir muito bem” (VERISSIMO, 1994, p.485). E assim, pelo menos na ficção, um episódio tão extraordinário como a ressurreição de sete mortos, foi apagado da memória coletiva de uma cidade.



## **Conclusões**

Concluimos o presente artigo, reafirmando a nossa vontade em seguir pesquisando o tema jornalismo e literatura a partir da vida e obra de Erico Verissimo, já que consideramos o escritor gaúcho um dos principais nomes do jornalismo brasileiro. Acrescentamos que o fato dele ter utilizado 24 personagens-jornalistas em seus romances, demonstra a influência que a sua atuação no jornalismo teve para a constituição de sua obra ficcional, como foi mostrado no decorrer do presente texto.

Acreditamos ainda que, como esse é um tema muito amplo, classificamos a nossa análise como uma parte de um estudo maior, que tem como objetivo responder questões relacionadas ao jornalismo e à literatura. Também destacamos que trabalhos nesse sentido podem ser feitos tendo como objeto de estudo outros escritores que entraram para a história da nossa literatura, e que tiveram atuações significativas no jornalismo. Fica aqui o convite para que outros pesquisadores passem a se dedicar seus a esse tema tão instigante.



## REFERÊNCIAS

- BOND, Fraser. **Introdução ao jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1959.
- COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**. São Paulo: Editora Schwarcz, 2005.
- FILHO, Clóvis de Barros. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- HOHENBERG, John. **O jornalista profissional** – guia às práticas e aos princípios dos meios de comunicação de massa. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- HOHLFELDT, Antonio. **Erico Veríssimo, permanente jornalista militante**. In: XXVII Intercom. Setembro de 2005, Porto Alegre.
- HOHLFELDT, **6º Anuário Unesco de comunicação regional**. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo, 2002.
- NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2003.
- PENA, Felipe. **Teorias do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo** – A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.
- VERISSIMO, Erico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Globo. 1994.
- VERISSIMO, Erico. **Noite**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- VERISSIMO, Erico. **O continente**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- VERISSIMO, Erico. **O arquipélago**. Porto Alegre: Globo, 1979.
- VERISSIMO, Erico. **Outra vez os três porquinhos**. São Paulo: Globo, 1996.
- VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1982.
- VERISSIMO, Erico. **O senhor embaixador**. Porto Alegre: Globo. 1982.
- VERISSIMO, Erico. **Saga**. Porto Alegre: Globo, 1978.
- VERISSIMO, Érico. **Solo de clarineta**. São Paulo: Globo, 1994.
- VERISSIMO, Erico. **Um lugar ao sol**. Porto Alegre: Globo, 1983.
- VERISSIMO, Erico. **Um certo Henrique Bertaso**. Porto Alegre: Globo, 1972.
- VERISSIMO, Erico. **Viagem à aurora do mundo**. Porto Alegre: Globo, 1984.
- 50 ANOS DA ARI. **Jornal da ARI**. Porto Alegre, dez. 2003.  
Disponível em: [www.ari.org.br/dinamico.asp?cod=14](http://www.ari.org.br/dinamico.asp?cod=14)> acesso em 05 mai. 2006.